

Por um fio

*É o gesto agressivo e espontâneo de rasgar que descobre
subitamente o mistério do vazio, que será costurado no arrependimento.*
Anna Maria Maiolino

Suponha um horizonte. Suponha que sua linha circular não una as certezas do solo às promessas do alto. Que não ligue pontos de vista na unidade de uma fuga, que não circunscreva o campo visual em um único olhar. Seu fio apenas se move em evasões improváveis e perspectivas erráticas. Tentativa insólita de tecer fragmentos, camadas e ocos — de reunir assim mundos alheios. Como atar a mobilidade dos solos e as inconstâncias dos horizontes?

Suponha os horizontes do corpo. As linhas da mão, desígnios inscritos na superfície da pele. Os vincos do rosto, a paisagem gravada na carne pelo tempo. Topologia das faces cansadas.

Suponha os teares a costurar destinos e direções. O fio da vida tecido e cortado pelas moiras. A linha de Ariadne a conduzir por labirintos, pela teia de sendas que embaralha a origem e o destino dos percursos. Os fios de Penélope a desfazer e refazer memórias e esperas, eterna recapitulação de uma ausência.

Suponha as escritas do mundo, sua cartografia. As linhas do espaço, suas fronteiras abstratas dividindo-o em territórios, suas cicatrizes riscadas por conflitos e exclusões. Exclusões das línguas, dos costumes, do estrangeiro. Ficções de totalidades fechadas que tramam existências a exílios e solidões.

Linhas e fios são desígnios das ligações — com os lugares de onde viemos e por onde transitamos, com o outro com quem partilhamos mundos e existências, como as escritas e ficções de nossas vidas. Mas linhas e fios são também o risco das exclusões e separações, a ameaça da ruptura, a dor do corte.

Linhas e fios desdobram-se e se metamorfoseiam nesses trabalhos de Anna Maria Maiolino, realizados em 4 décadas de percurso artístico. Estão nos derrames de nanquim, no vinco das dobras, na incisão dos cortes, no rasgo do papel, na geometria dos traços, no fio da costura. Estão nos desenhos, gravuras, livros-objetos, desenhos-objetos, entre outras obras em exposição. Estão nas experiências pioneiras da artista com super-8: no *In-out (Antropogafia)* (1973), filme em que duas bocas, uma masculina e outra feminina, engolem e regurgitam fios e ovos, entre a asfixia das palavras vazias e a impotência dos balbucios, entre a incomunicabilidade e os anseios pelo diálogo. Estão em suas fotos-poemação dos anos 1970: no fio que envolve e amarra a cabeça, provocando sulcos na pele; na tesoura que cortará a língua ou os fios da sobrancelha numa aflitiva proximidade da órbita ocular. Emudecimentos e cegueiras por um fio.

Como não suspeitar que há nesses trabalhos uma indagação sobre os desígnios das ligações e as ameaças dos cortes? Como se toda promessa carregasse dilaceramentos; como se todo dilaceramento contivesse resgates e ressurgências. Tal como em *Entre*

vidas (1981), em que a artista caminha entre ovos, na tensão entre a violência da destruição do outro e a promessa de uma vida por vir.

Rasgar, cortar, escavar, costurar, suturar, amassar a argila — extrair do gesto paciente e da resistência da matéria a escritura da existência. Códices incertos, livros que não aprisionam. Gestos repetitivos, gestos cotidianos que imprimem uma tensão constante entre o cuidar paciente e a iminência do desastre. Entre o fio que sutura a ferida e o fio da lâmina que desfecha o corte na carne. Como se um se precipitasse sobre o outro; como se um guardasse as potencialidades e as ameaças do outro.

Anna Maria Maiolino iniciou sua trajetória pela xilogravura, na incisão do buril que escava a madeira, para descobrir os espaços negativos. Mas logo transitaria por vários meios e experimentações: das gravuras e desenhos à fotografia, dos filmes às instalações. O plano ganharia a profundidade do objeto, a solidez se abriria em ocos, o dentro seria o fora, o papel exibiria avessos e negativos, a busca de lugares invisíveis e opacos. Rasgos, cortes, dobras e suturas tramam travessias, aberturas de passagens entre mundos dubiamente hostis e hospitaleiros. Como nos livros-objetos: sem começo ou fim, as páginas são estratos de uma arqueologia precária, onde a escrita da vida é conduzida pela linha que as atravessa, pelos vazios que deixam entrever as camadas, pela leitura sem direção realizada pelo outro.

Fala-se sempre da condição sem lugar da artista: nascida na Itália, habitante de várias partes do mundo, como no Brasil, em sua obra emerge a condição errante e estrangeira de toda existência, o exílio de qualquer vida. Passageira entre mundos, sua obra opera deslocamentos: atravessa o labirinto de Ariadne, movimenta o tear das moiras, desfaz e refaz o bordado de Penélope. Entre o desmanche e o tecer de memórias e esperas, lugares e tempos, recapitula insuficiências e faltas. Pois uma obra não é a expressão da individualidade de um autor, de suas dores ou renascimentos. Seu gesto escava nela tanto o lugar de sua ausência quanto o rastro de sua presença.

O lugar de um poema, disse Giorgio Agamben [*O autor como gesto*], não está nem no texto, nem no autor ou no leitor: está no gesto pelo qual autor e leitor se põem em jogo e se esquivam. Se o autor é a testemunha e a garantia de sua própria falta na obra em que foi jogado; o leitor/espectador, por sua vez, coloca de novo esse testemunho e entram em relação na condição de permanecerem inexprimíveis. É apenas desse modo que o autor atesta sua presença irreduzível: traçando a linha limítrofe além da qual nenhuma palavra toca, nenhum horizonte ou solo se fixa; riscando a abertura pela qual instaura, na obra, o vazio que a possibilita, o salto cego que a realiza. Um artista, uma existência, uma vida, não cessa assim de se fechar na abertura que a arte cria; não pára assim de se abrir nas cicatrizes que ela sutura.

Marisa Flório Cesar
Agosto de 2010